

9. A JUDIA

(...)

Sim, estou a fazer a mala. Não, não faças de conta que não deste por nada nestes últimos dias. Frederico, está tudo certo menos uma coisa: que nesta hora que nos resta não nos olhemos bem nos olhos um do outro. Não, eles não hão-de conseguir que isso aconteça, esses mentirosos que fazem os outros mentir. Há dez anos quando todos achavam que ninguém diria que eu era de raça judaica tu dizias logo: «vê-se bem, vê-se.» E isso dava-me alegria. Era por encarar os factos como factos. (...) Não, não estou zangada. Ou por outra, estou. Porque hei-de ser sempre compreensiva? O que é que está mal na forma do meu nariz ou na cor do meu cabelo? Tenho de me ir embora da cidade onde nasci para não precisarem de me dar a minha porção de manteiga. Mas que espécie de pessoas são vocês, sim, tu também? Por um lado descobrem a teoria dos quanta e o Trandlenburg, e por outro deixam-se comandar por selvagens que querem que vocês conquistem o universo para eles, mas não lhes permitem ficar com a mulher que escolheram. Respiração artificial e «atirar para matar»! Ou vocês são monstros ou servos de monstros! Sim, estou a ser insensata, mas num mundo assim de que serve a sensatez? Estás aí sentado a ver a tua mulher a fazer a mala e não dizes nada. É que as paredes têm ouvidos, não é? Vocês não dizem nada. Uns limitam-se a escutar, outros ficam calados. Diabo! Também eu devia ficar calada. Se eu te tivesse amor, calava-me. Mas tenho, tenho-te amor, de verdade. Dá-me essa roupa interior. Tem charme, vou precisar dela. Tenho trinta e seis anos, não é muito, mas já não poderei passar por muitas coisas mais. No outro país para onde eu for, as coisas têm de ser diferentes. O outro homem que eu arranjar, esse não posso perdê-lo. Não me digas que me mandarás dinheiro, sabes bem que não vai ser possível mandar nada. E não faças de conta também que a coisa é só por umas semanas. Isto aqui não vai durar só umas semanas. Sabe-lo bem, e eu também o sei. Por isso não me digas: são só umas semanas, no fim de contas, quando te pedir que me dês o casaco de peles, que só me fará falta no próximo Inverno. E não digamos a palavra desgraça. Falemos antes de vergonha. Oh. Frederico!

Ouve-se o ruído de uma porta a abrir-se. Compõe-se rapidamente.

*O TERROR E A MISÉRIA NO TERCEIRO REICH
de Bertolt Brecht*

*Tradução de:
Fiama Hasse Pais Brandão*

Portugalia Editora

6. O EXERCÍCIO DO DIREITO

Entra a criada do Juiz com o pequeno almoço.

A CRIADA - Então, senhor Juiz, ainda acaba um dia por perder a cabeça. É uma coisa terrível. Veja lá do que é o senhor se esqueceu hoje uma vez mais! Pense bem: do principal! (Estende-lhe o pequeno-almoço) Tem aqui o pequeno almoço! Se não come isto agora ainda tínhamos de acabar por ir comprar aquelas rosquinhas quentes, e lá ficávamos com dores de estômago como na semana passada. Só porque o senhor não trata de si.

(...)

Quase que não era capaz de chegar até aqui. O Palácio todo está cheio de SA, por causa da audiência. Mas eles hoje ficam a saber como é, não é o Senhor Juiz? Lá no talho toda a gente dizia: felizmente ainda há quem faça justiça! Agredir um comerciante, sem mais nem menos! Nas brigadas, a metade do pessoal é de antigos criminosos, todo o bairro sabe. Se não tivéssemos uma justiça, já os cavalheiros tinham arrancado as catedrais pelos alicerces. O que os levou ao que fizeram foi a mira das jóias. Um deles, o Aires, tem uma namorada que não queria saber dele, até de há seis meses para cá. E o Paiva, que tem um estilhaço metido na garganta, também foi agredido, quando estava a limpar a neve, todos viram. Eles fazem as coisas à vista de todos, aterrorizam todo o bairro e aquele que disser alguma coisa fica logo de baixo de olho, e depois apanha uma que nunca mais se levanta.

(...)

Senhor Juiz. Mas não coma tão depressa, olhe que lhe faz mal. Bem, agora então vou-me, não lhe tomo mais tempo, tem de ir para a audiência. Mas não se enerve lá, coma bem agora, mais vale perder dois minutos que não têm importância, e ao menos come com o estômago tranquilo agora. Pois é, tem de tratar de si. A saúde é o seu melhor bem, mas agora vou-me, não é?, vejo que está impaciente por ir para a audiência e eu por mim ainda tenho de ir à mercearia.

A criada sai.

*O TERROR E A MISÉRIA NO TERCEIRO REICH
de Bertolt Brecht*

*Tradução de:
Fiama Hasse Pais Brandão*

Portugalia Editora

3. A CRUZ DE GIZ

O OPERÁRIO - Não, isso também não é bem assim. Ainda há pouco tempo, estava eu parado na praça Alexander a pensar comigo mesmo se havia de me apresentar por mim próprio no Serviço Voluntário de Trabalho ou esperar que me metessem na próxima fornada. Vejo sair da mercearia da esquina uma mulherzita magra, com ar de mulher de operário. «Escuta», disse-lhe eu, «mas então ainda há proletários no terceiro Reich? Não somos todos uma comunidade nacional, incluindo o grande potentado Thyssen? «Não, não somos», disse-me ela, «subiram a margarina. De meio marco para um. Assim é que é a comunidade nacional? «Oiça lá, tiazinha, tenha cautela com o que me está a dizer, que sou patriota até aos olhos.» Ossos há-os, mas sem carne, e na farinha deitam sêmea.» Não estive com meias medidas! Fiquei de boca aberta e lá lhe rosnei por fim: «Compre antes manteiga! Ainda por cima é melhor para a saúde! Com a alimentação nada de economias, que só serve para diminuir a força da nação. (...) No posto do leite disseram-me: «Camarada, hoje não temos manteiga. Um canhão, serve?» Digo-lhe eu: «Mas um canhão para quê, tiazinha? De barriga vazia? «Pois», disse ela, «se tenho de morrer à fome, ao menos que tudo fique feito em migalhas, a corja toda com o Hitler à cabeça»... «o quê?, o quê?», exclamei assombrado. Com o Hitler à cabeça ainda havemos de vencer os franceses. Se até já conseguimos fazer gasolina da lâ...» E a lâ?» disse-lhe eu. «A lâ», disse ela, «tiramola da gasolina. Temos uma falta dela! Quando aparece algum bocado bom lá na Assistência, da lâ antiga, os da panelinha deitam-lhe logo a mão», disse ela. «Se o Hitler soubesse, mas ele não sabe nada, é um cagarola e além disso não deve ter passado nunca por nenhum curso superior. «Estava sem falta, com tanto atrevimento. «Ouve pequena, não saias daqui, que eu já volto. Mas o que é que julgam, quando voltei com o agente já ela lá não estava a espera (*deixa o tom de representação*) Hã, o que é que me tem a dizer agora?

O TERROR E A MISÉRIA NO TERCEIRO REICH
de Bertolt Brecht

Tradução de:
Fiama Hasse Pais Brandão

Portugalia Editora

7. DOENÇA PROFISSIONAL

O CIRURGIÃO - Meus senhores, temos aqui um caso belíssimo, que prova bem que sem um questionário constante e uma constante investigação das causas profundas da doença, a medicina não passa de mera charlatanice. O doente apresenta todos os sintomas de uma neuralgia e durante muito tempo foi submetido a um tratamento próprio. Mas, na realidade, ele sofre da doença de Raynaud que contraiu no seu trabalho ao lidar com aparelhos de ar comprimido. Trata-se portanto de doença profissional. Só agora lhe estamos a aplicar o tratamento adequado. Vêem assim como é erróneo considerar o doente apenas como parte integrante de um processo clínico, em vez de perguntar: qual a sua proveniência? onde adquiriu a doença? para onde vai o doente uma vez curado? Quais são portanto as três coisas que todo o médico deve saber? Primeiro? (...) Averiguar. Segundo? (...) Averiguar. Terceiro? (...) Muito bem! Averiguar! E averiguar sobretudo o quê?(...) As condições sociais do doente, sem qualquer receio de nos debruçarmos sobre a vida particular do doente, que quantas vezes, meu Deus, é bem desgraçada. Que um ser humano se veja obrigado a exercer uma profissão que a curto ou a longo prazo lhe dará cabo do corpo, que se veja obrigado a matar-se, por assim dizer, para não morrer de fome, são coisas que custam a ouvir; por isso é difícil perguntar.

Com o cortejo que o segue passa agora para junto da cama do doente acabado de chegar

*O TERROR E A MISÉRIA NO TERCEIRO REICH
de Bertolt Brecht*

*Tradução de:
Fiama Hasse Pais Brandão*

Portugalia Editora